**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNISEB INTERATIVO**

**FACULDADE INTERATIVA COC**

**OS DIFERENTES FALARES DO POVO BRASILEIRO**

Valmir Pereira

Curso de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa

Polo de Feira de Santana

Orientador: Ivi Furloni

**RESUMO**

Este trabalho teve como objetivo de investigar na literatura nacional, os diferentes falares do povo brasileiro, procurando identificar suas diversas tipologias e como acontece a relação/problematização entre a linguagem popular e a língua normativa, de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística, no intuito de possibilitar a reflexão sobre as implicações socioculturais da variação linguística, como também, a sua contribuição para o enriquecimento da cultura brasileira. Neste sentido, utilizou-se a pesquisa qualitativa e descritiva, através do levantamento bibliográfico, de onde foram extraídos dados em livros, periódicos e artigos da Internet de autores que versam sobre o assunto para fundamentar o contexto teórico desse trabalho. O presente estudo mostrou que a sociolinguística tem contribuído significantemente para a compreensão da origem de certos fenômenos da fala. Que o preconceito linguístico ainda permanece vivo na cultura brasileira e que é preciso uma postura mais moderna da escola, de educadores e de alguns estudiosos em relação às diversidades linguísticas, entendendo-as como um importante instrumento de comunicação, que faz parte da história da língua portuguesa falada no Brasil.

**Palavras-chave:** Língua Portuguesa, Variação Linguística,Povo Brasileiro.

**INTRODUÇÃO**

O Brasil apresenta enormes contradições referentes aos aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais. Diante dessa complexidade histórica, a desigualdade sociocultural tem influenciado diretamente na vigência de um sistema educacional dual, onde nem todos são beneficiados com uma educação de qualidade.

Desse modo, a língua portuguesa falada no Brasil tem apresentado enormes diferenças na maneira de falar e de escrever de seu povo. Por isso, esse tema temn provocado constantes debates entre os sociolinguistas que procuram pesquisar sobre a funcionalidade da língua, nas diversas situações do discurso, no mento da fala.

Seguindo nesta direção, a variação linguística coloca em evidência os embates entre os postulados teóricos e metodológicos da norma padrão, baseada nas regras da gramática normativa e da linguagem popular, oriunda dos grupos e sociedades de fala. Luccchesi (2016) aponta que existe uma polarização sociolinguística no Brasil, na qual, se contrapõem a norma culta e uma norma popular, causada por profundas diferenças que, infelizmente, marcam a realidade socioeconômica do nosso país.

Diante do exposto, este estudo pretende responder à seguinte indagação: Quais são os diferentes falares do Povo Brasileiro? Para Gil (2008), o problema de uma pesquisa resulta do interesse em descobrir respostas para questionamentos que chamam a atenção do pesquisador, despertando-lhe a curiosidade, mediante o emprego de procedimentos científicos.

Visando estabelecer caminhos norteadores em busca de respostas para este questionamento, foram elencadas algumas hipóteses que poderão ser evidenciadas ou negadas no decorrer deste estudo:

* A variação linguística é muito diversa e tem contribuído para o enriquecimento da cultura literária brasileira;
* São poucas as contribuições da variação linguística para a cultura literária brasileira;
* A variação linguística é reconhecida e recomendada pelos especialistas no assunto, como uma variante importante da língua portuguesa, pois tem facilitado a comunicação entre os falantes da língua portuguesa no Brasil;
* A variação linguística não é reconhecida nem recomendada pelos especialistas, pois, constitui-se em um erro fonomorfológico na língua portuguesa;
* Existe um preconceito linguístico acentuado em relação à linguagem popular, falada pelas diversas comunidades de fala no Brasil;
* Não existe nenhum preconceito linguístico em relação à linguagem popular, falada pelas diversas comunidades de fala no Brasil.

Diante do problema apresentado, esta pesquisa tem como objetivo geral:

* Investigar na literatura nacional os diferentes falares do povo brasileiro. Estabeleceu-se como objetivos específicos,
* Identificar as diversas tipologias e classificações da língua falada no território brasileiro;
* Entender como acontece a relação/problematização entre a linguagem popular e a língua normativa, de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística e,
* Refletir sobre as implicações socioculturais da variação linguística e sua contribuição para o enriquecimento da cultura brasileira.

Para atingir os objetivos propostos neste estudo, utilizou-se da pesquisa qualitativa e descritiva através do levantamento bibliográfico, de onde foram coletados dados em livros, periódicos e artigos da Internet de autores que versam sobre o assunto para fundamentar o contexto teórico desse trabalho.

 De acordo com Gil (2008), a pesquisa científica procura desvendar fatos que acontecem em todos os campos da vida terrestre e, que chamam a atenção do pesquisador através de dados reais.

A variação linguística tem sido alvo de críticas e de preconceito por uma parte da sociedade, principalmente, alguns intelectuais e especialistas em língua portuguesa que a considera como um erro ou vício de linguagem, por não atender às regras da gramática normativa, no ato da fala.

Bagno (2002), afirma que a escola contribui para a preservação desta situação ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, impondo uma cultura linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum aos mais de 190 milhões de brasileiros, esquecendo-se de considerar a idade, a origem geográfica, a situação socioeconômica e o nível de escolaridade desta população.

Diante de tantos questionamentos que atualmente tem dominado o tema entre os estudiosos da sociolinguística em todo país, este trabalho torna-se de grande relevância socioeducacional, na medida em que pleiteia contribuir com novos conhecimentos sobre o uso da língua no cotidiano da sociedade.

Sendo assim, este assunto reveste-se de significativa importância para o desvelamento de novas contribuições, servindo de aporte para futuras pesquisas no campo científico. Na esfera individual, os aprendizados adquiridos a partir desse trabalho serão relevantes e fundamentais para a formação acadêmica e profissional do pesquisador.

Buscar-se-á assim, refletir sobre a relação/problematização entre a linguagem popular e a língua normativa, de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística e sobre as implicações socioculturais da variação linguística e sua contribuição para o enriquecimento da cultura brasileira.

**1. A LINGUAGEM CULTA E A LINGUAGUEM POPULAR**

O contexto linguístico brasileiro apresenta um enorme contraste entre a linguagem escrita e linguagem falada, já que, muitas pessoas não se dão conta que a escrita obedece rigorosamente às regras da gramática normativa, denominada de Norma Culta da língua portuguesa, enquanto que, a linguagem falada, muitas vezes, dispensa a utilização dessas regras.

Preti (2003) refere-se à norma culta como um fator de unificação linguística, onde suas transformações acontecem de forma lenta e quase imperceptível, pois passa por regulações e ajustes gramaticais. Seguindo nesta direção, Bagno (2002) compara a gramática normativa a um *igapó*, uma grande poça de água estagnada às margens de um rio, que envelhece e só se renova quando acontecer a próxima enchente.

A linguagem culta estabelece-se pelo padrão estilístico, com ideias e construções sintáticas e morfológicas bem elaboradas, seguindo rigorosamente aos preceitos da gramática, sendo exigida na escola e tida como a linguagem correta a ser utilizada pela sociedade.

 Faraco (2008, p. 37) conceitua a norma culta como “o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita”. É o uso correto da linguagem escrita e falada por uma comunidade linguística, seguindo os padrões gramaticais.

A norma-padrão é aquele *modelo ideal* de língua que deve ser usado pelas autoridades, pelos órgãos oficiais, pelas pessoas cultas, pelos escritores e jornalistas, aquele que deve ser ensinado e aprendido na escola. Vejam bem que eu disse aquele que *deve ser,* não aquele que necessariamente é empregado pelas pessoas cultas (BAGNO, 2002, p. 22).

Socialmente, aqueles que fazem uso da linguagem culta têm maior prestígio político, cultural e social, pois são reconhecidos como pessoas intelectuais, letradas, que conhecem e aplicam com perfeição as regras gramaticais. Normalmente, são tidos como indivíduos das classes sociais mais elevadas.

No que se refere à linguagem popular, também chamada de coloquial, não há preocupação com a pronúncia e com a utilização das normas gramaticais, já que, seus usuários têm mais liberdade de expressão. A mesma acontece de maneira livre, aberta e espontânea, sem se levar em consideração os atributos socioculturais.

É possível fazer uma analogia entre a linguagem popular e a proposição de Bagno (2002, p. 9), que compara a língua com “um enorme iceberg flutuando no mar do tempo [...]”, para inferir que este tipo de linguagem acontece livremente no espaço linguístico, sendo criado e recriado por seus atores.

De acordo com Bardine (2016, p. 2), a linguagem popular ou coloquial:

É aquela usada espontânea e fluentemente pelo povo. Mostra-se quase sempre rebelde à norma gramatical e é carregada de vícios de linguagem (solecismo – erros de regência e concordância; barbarismo – erros de pronúncia, grafia e flexão; ambigüidade; cacofonia; pleonasmo), expressões vulgares, gírias e preferência pela coordenação, que ressalta o caráter oral e popular da língua. A linguagem popular está presente nas mais diversas situações: conversas familiares ou entre amigos, anedotas, irradiação de esportes, programas de TV (sobretudo os de auditório), novelas, expressão dos estados emocionais etc.

Desse modo, a linguagem popular pode ser entendida como uma variação linguística informal, que se utiliza de frases prontas, jargões, construindo novos discursos para consumar o ato comunicativo entre pessoas e grupos sociais.

Socialmente, aqueles que fazem uso da linguagem popular não gozam de prestígio político, cultural e social, pois são reconhecidos como pessoas que não conseguiram completar seus estudos ou não frequentaram a escola, por isso, desconhecem e não sabem aplicar adequadamente as regras gramaticais. Normalmente, são rotulados como indivíduos das classes sociais inferiores e sofrem preconceito linguístico.

**2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Atualmente, muito se tem falado no âmbito educacional sobre o uso da língua falada e suas variantes como um instrumento de comunicação social. Estudiosos no assunto tentam encontrar um elo de confluência entre a linguagem padrão e a linguagem popular como fenômenos linguísticos importantes e necessários para o ato comunicativo.

Partindo da premissa de que a língua é heterogênea por natureza e transformada em discurso pelo homem (LABOV, 1964 apud SALDANHA, 2015), sendo o indivíduo, um ser pró-ativo, sujeito a mudanças e, que por isso cria e recria seu discurso influenciado pelas experiências e aprendizados, fruto de suas relações interpessoais e coletivas, pode-se afirmar que a linguagem humana vai evoluindo e introduzindo no dia a dia da sociedade novos vocabulários e novas construções fonológicas que, com certo tempo, tornam-se termos integrantes da língua portuguesa.

No entanto, a escola sempre procurou defender a linguagem culta como o único tipo de linguagem correta e, que por isso, deve ser usada pela sociedade, por atender às exigências da gramática normativa e, que suas variantes, por não obedecer aos padrões normativos, devem ser esquecidas pelas comunidades de fala.

A partir de 1963/1964, quando William Labov, publicou um trabalho sobre a variação linguística que levava em consideração a idade, o sexo, a ocupação, a origem étnica e o comportamento linguístico do individuo, investigando a evolução da língua, de acordo com o contexto social das comunidades de fala, a Sociolinguística se tornou um campo de estudo importante para se entender as dimensões do ato da fala na comunicação humana.

Saldanha (2015, p. 13) faz a seguinte observação:

E, de fato, foi o que ocorreu, pois a Sociolionguística, ao considerar as correlações entre o fenômeno linguístico e o fato social, ambos com infinitas variáveis, renunciou à ideia de que a língua é invariável, ou seja, de que haveria uma única língua portuguesa ou somente uma língua inglesa, por exemplo, e assumiu a abordagem de que toda língua é um sistema intrinsecamente heterogêneo.

A partir desse acontecimento, a Sociolinguística foi ganhando expressão no campo científico como a ciência que tem como objeto de estudo a língua falada em seu contexto social na interação verbal entre pessoas, procurando analisar e compreender como acontecem essas variações dentro de uma comunidade de fala. (ALKMIM, 2004).

Portanto, Sociolinguística é a ciência que estuda as correlações entre a estrutura linguística e o fator social. É uma área da linguística que analisa as relações entre linguagem e sociedade.  (BAGNO, 2002). Ela estuda as variações linguísticas, procurando analisar e compreender seus efeitos dentro de uma comunidade social.

Com os estudos da Sociolinguística, a escola passou a ter uma visão mais moderna sobre os atos da fala e suas variações, atentando-se para o fato de que cada indivíduo já traz consigo uma linguagem própria, adquirida no seu meio social, da qual ele não pode se desfazer, por se tratar da heterogeneidade da fala, das aptidões e habilidades dos falantes em usar a linguagem de várias maneiras e, em diversos contextos.

Portanto, variações ou variedades linguísticas são os diferentes modos de falar de uma mesma comunidade**,** de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas de cada indivíduo.(ALKMIN 2004).

Desse modo, as variações passaram a ser vista com maior naturalidade, sendo valorizadas e reconhecidas pelos estudiosos da língua, que começaram a descobrir a sua importância para a comunicação humana, aceitando-a como uma diversidade linguística típica de algumas comunidades, e, não como uma deficiência da fala.

2.1TIPOLOGIAS E CLASSIFICAÇÃO

As variações linguísticas recebem diferentes denominações, de acordo com o entendimento de estudiosos e pesquisadores no assunto. Desse modo, o leitor poderá encontrar na literatura nacional diversas tipologias e classificações. Neste trabalho, será tomado como base, os pressupostos de Saldanha. (2015), que se referencia nos estudos de Camacho, (1988) e Preti (2003).

* Variações Diatópicas ou Geográficas: são as diferenças linguísticas entre falares locais, regionais ou intercontinentais. São as variações que se referem a diferentes regiões geográficas de um país, faladas por comunidades geograficamente definidas, conhecidas também, como dialetos. Ex: Sotaques regionais (caipira, nordestino, sulista, indígena); palavras como macaxeira/aipim; tangerina/mexerica, abóbora/jerimum, dentre outros.
* Variações Diastráticas ou Sociológicas: são as diferenças percebidas entre os estratos socioculturais em que são levados em consideração o nível culto, o nível popular e a linguagem padrão. São também conhecidas como Socioletos, por serem faladas por comunidades socialmente definidas. Ex: Gírias, jargões e linguagem de certos grupos (policiais, médicos, engenheiros, estudantes, camelôs, trabalhadores de diversas categorias etc. indivíduos que não frequentaram a educação formal, por isso não conhecem a linguagem “culta”).
* Variações Diafásicas: são variações que ocorrem em função do contexto em que se apresenta o falante. A mesma pessoa muda a sua maneira de falar dependendo do ambiente em que está inserido (formal ou informal). Abrangem também, os grupos etários e biológicos (homens, mulheres, jovens, crianças e grupos profissionais).
* **Variação Histórica** - aquela que sofre transformações ao longo do tempo. A palavra “vosmecê”, depois “vancê”, atualmente “você” e agora, diante da sua redução no meio eletrônico (neografia) é apenas VC. Palavras grafadas com PH, como era o caso de “pharmácia”, hoje, “farmácia”.
* Idioletos: estilo de linguagem particular de uma pessoa usada em certo momento. Vocabulário especializado e/ou a gramática de certas atividades ou profissões.
* Etnoletos: variação linguística de um grupo étnico.
* Ecoletos: um idioleto adotado por uma casa. (SALDANAHA, 2015).

2.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Muito se tem discutido no campo socioeducacional sobre as pessoas que são vítimas do preconceito linguístico, por terem uma forma de falar diferente daquela que é recomendada pela gramática normativa. O preconceito, o erro ou o vício de linguagem são temas bastante instigantes que têm levado os estudiosos e pesquisadores a diversos debates sobre o assunto.

Entende Bagno (2002, p. 9), que “O preconceito lingüístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa”. O referido autor compara a língua à um “rio caudaloso, longo e largo” onde suas águas estão em constante movimento e renovação, enquanto que a gramática normativa assemelha-se à um “igapó” em que suas águas permanecem paradas, esperando por tempestades para se renovarem.

A escola tem referendado a permanência desse preconceito, na medida em que preceitua como correto o uso da linguagem padrão e como incorreto o uso da variação linguística, não se dando conta da heterogeneidade da língua e da criatividade linguística do homem que está em permanente processo de aprendizado e de construção de novos conhecimentos.

Sobre o preconceito linguístico, deve-se atentar para a falta de escolarização, um fenômeno que acompanha e incomoda um grande número de brasileiros. As consequências das políticas de segregação educacional refletem na atual situação da educação brasileira, onde o país apresenta um alto índice de analfabetos rudimentares, funcionais e de alfabetizados funcionais (Inaf 2011).

Outro fator que deve ser considerado, diz respeito à questão sociocultural do país, que, devido à sua grande dimensão territorial apresenta enormes contrastes e diferenças na sua conjuntura política, econômica e educacional, fazendo com que a língua portuguesa seja falada de diversas maneiras, a depender de fatores sociológicos, culturais, étnicos, biológicos e geográficos.

Tudo o que a Gramática Tradicional chama de “erro” é na verdade um

“fenômeno” que tem uma explicação científica perfeitamente demonstrável. Se milhões de pessoas (cultas inclusive) estão optando por um uso que difere da regra prescrita nas gramáticas normativas é porque há alguma regra nova sobrepondo-se à antiga. Assim, o problema está com a regra tradicional, e não com as pessoas, que são falantes nativos e perfeitamente competentes de sua língua. (BAGNO, 2002, p.143).

Faraco (2008) afirma que a raiz do preconceito linguístico da cultura brasileira está fincada na grande distância entre a norma culta e outros tipos de linguagem, considerados como “artificiais”. Fato este que vem desde o início da história da língua portuguesa. Sendo assim, o grande desafio dos sociolinguistas é o de acabar com o mito linguístico de se considerar as variações da fala como uma linguagem inadequada à sociedade.

Deve-se atentar, que o vício de linguagem marca a existência do regionalismo brasileiro que faz parte da construção da identidade histórica do país. O regionalismo evidencia os diferentes falares distintos dentro de um mesmo idioma. Neste caso, são pessoas que falam do jeito que ouvem, reproduzindo assim, a linguagem do seu meio. Sendo esta, uma linguagem típica de algumas regiões brasileiras.

Nesta direção, Saldanha (2015, p. 68) considera que “Pensar em “erro” é desfocar e desconsiderar a natureza da língua e confundi-la com a gramática, reduzi-la a um código rígido e com todas as abstrações que ele envolve”, já que língua e gramática estão em estágios diferentes em relação à fala e à escrita.

Desse modo, os conceitos do erro e do preconceito linguístico precisam ser repensado pela escola, por educadores e por alguns estudiosos que tentam estabelecer um único padrão de fala na língua portuguesa no Brasil.

Sabe-se que, a linguagem escrita requer uma rigidez maior no seu uso, já que sua estrutura apóia-se na construção morfológica e na estética da gramática normativa. Enquanto que, a fala, por estar em constante evolução, dispensa o rigor gramatical e vai construindo novos falares no seu percurso, pois, tem como objetivo final a viabilidade da comunicação entre seus interlocutores.

**3. OS DIFERENTES FALARES DO POVO BRASILEIRO**

Devido à sua grande imensidão territorial, o Brasil apresenta uma enorme diversidade linguística, que coloca em debate os pressupostos da norma culta da língua portuguesa e a linguagem popular falada pela grande maioria da população brasileira.

Esse fenômeno é característico da interdisciplinaridade e da brasilidade linguística, onde são criados e introduzidos novos falares, fazendo com que a língua falada adquira novos contextos culturais, sociais e históricos.

 Spencer (1983 apud Ramos, 2014), aponta que as línguas são parte da história das pessoas que a usam e estão intimamente ligadas a mudanças de padrões das sociedades que a usam durante décadas a décadas, de geração a geração, respondendo às novas necessidades e demandas, recebendo marcas dos contatos com imigrantes de outras regiões do país ou de outras nações.

Infere-se, portanto, que estudar a língua falada no Brasil e suas variantes sociorregionais e intercontinentais constitui-se em um desafio gigantesco para os estudiosos do assunto, já que, torna-se necessário conhecer *in loco,* a história e as particularidades de cada região, de cada lugar, de cada indivíduo, que por inúmeras razões apresentam diversos cenários linguísticos.

Nesta perspectiva, por ser o homem um ser social, sujeito a constantes mudanças influenciadas pelas experiências e aprendizados vivenciados nas suas relações interpessoais e coletivas e, por ser a língua heterogênea por natureza (SALDANHA, 2015), é possível afirmar que a linguagem estará sempre em evolução, trazendo para o âmbito da língua falada novas variações fonomorfológicas.

Diante das controvérsias envolvendo o uso da língua no cotidiano das pessoas, aqueles que defendem a variação linguística como um fenômeno natural, apoiam-se nos postulados da Sociolinguística, ciência que estuda as relações e correlações entre a estrutura linguística e o fator social.

 Portanto, seu campo de pesquisa refere-se à língua falada em seu contexto social, na interação verbal entre indivíduos que compartilham do mesmo contexto linguístico, procurando analisar e estudar as variações da fala, visando analisar e compreender como acontecem essas diversidades dentro de uma comunidade linguística. (BAGNO, 2002).

A fala está sempre inserida num contexto, o qual impõe sempre uma especificidade e envolve um falante que, inevitavelmente, se expressa desse ou daquele modo por livre escolha ou por condições que lhe são impostas. Por isso, dizemos que são muitas as variantes que determinam a diversidade na qual a língua, que é heterogênea por natureza, é transformada em discurso pelo falante. (SALDANHA, 2015, p. 19).

Neste sentido, estudar os atos da fala e suas variantes em um país que apresenta uma acentuada estratificação social, cultural e demográfica, torna-se uma tarefa árdua, porém importante e necessária para estudantes e pesquisadores da evolução linguística brasileira. De acordo com Freitag (2014), a variação linguística no Brasil tem relação direta com a regionalidade, sexo, idade e escolaridade do falante.

Depreende-se diante dessa premissa, que as variantes da língua brasileira estão diretamente associadas e relacionadas a várias situações no momento do uso da língua pelo seu interlocutor, da sua posição sociocultural, espacial, temporal e biológica. Pois, o homem fala diferente da mulher; o adulto da criança; o jovem do idoso; o intelectual do não alfabetizado; o sulista, o nordestino e o nortista apresentam falares particulares; as comunidades sociais têm suas peculiaridades comunicativas.

Preti (2003), diz que nem sempre é possível presumir ou adivinhar de que forma e qual estrutura vocabular o indivíduo, independente do seu contexto cultural, social, regional, biológico ou étnico usará a língua para se comunicar com outras pessoas.

Deve-se então, atentar para a habilidade dos falantes na utilização da linguagem, de introduzir e criar novos contextos e expressões vocabulares, lembrando sempre da grande heterogeneidade de dialetos que compõem a língua portuguesa falada no Brasil, dada à vasta complexidade social, cultural e regional do povo brasileiro.

**CONCLUSÃO**

Este estudo teve como objetivo investigar na literatura nacional os diferentes falares do povo brasileiro, procurando identificar suas diversas tipologias e classificações e, como acontece a relação/problematização entre a linguagem popular e a língua normativa, de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística, visando entender e refletir sobre as implicações socioculturais da variação linguística, como também, sobre a sua contribuição para o enriquecimento da cultura brasileira.

A pesquisa mostrou que a sociolinguística é um campo da Linguística que se ocupa com o estudo das correlações entre a estrutura linguística e o fator social, procurando estabelecer as relações entre linguagem e sociedade, analisando seus efeitos dentro de uma comunidade social. Identificou também, que a mesma tem contribuído significantemente para a compreensão da origem de certos fenômenos da fala.

De acordo com os autores pesquisados, o preconceito linguístico ainda permanece vivo na cultura brasileira, sendo preciso uma postura mais moderna e flexível da escola, de educadores e de alguns estudiosos sobre a variação linguística, haja vista a imposição de considerar a linguagem normativa como o único modelo correto de linguagem no Brasil. Apontou também, a necessidade de se aceitar outros falares do povo brasileiro como parte da história da língua portuguesa, não se constituindo, portanto, em um erro linguístico.

A pesquisa indicou que o estudo das variações linguísticas tornou-se fundamental e decisivo para que essas diversidades sejam aceitas, reconhecidas e valorizadas como um importante instrumento de comunicação entre as pessoas, entendendo que as línguas são parte da história das pessoas que a usam e estão diretamente ligadas aos padrões sociais dos seus usuários.

Foi identificada a grande contribuição das variações linguísticas para o enriquecimento da cultura brasileira, já que a linguagem utilizada pelo povo brasileiro nas suas mais variadas tipologias faz parte da literatura brasileira. Mostrou que o grande desafio dos sociolinguistas é o de acabar com o mito linguístico de se considerar as variações da fala como uma linguagem inadequada para a sociedade.

Desse modo, a variação linguística é um fenômeno da língua portuguesa e o seu estudo visa compreender como esta influencia positivamente na consecução do ato comunicativo entre seus falantes, dada à imensa diversidade histórica e regional do Brasil.

Independente de uma nação ter uma língua oficial, esta pode apresentar variedades, já que a mesma evolui com o tempo e com as situações no ato da fala, em que seus falantes se prevalecem das suas habilidades linguísticas para dar novos contextos aos seus discursos.

**REFERÊNCIAS**

ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2004

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz**. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BARDINE Renan. **Níveis da Linguagem**. Disponível em:hptt \\ [www.coladaweb.com](http://www.coladaweb.com). Acesso em: 21 set 2016.

DANTE, Lucchesi. **Variação Linguística em Feira de Santana-Bahia**. Norma Lúcia Fernandes de Almeida, Silvana Silva de Farias Araujo, Eliana Pitombo Teixeira, Zenaide de Oliveira Novaes Carneiro (Orgs). Feira de Santana – BA: UEFS Editora, 2016.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **Diferentes Olhares sobre o Português Brasileiro**. Norma da Silva Lopes, Jânia Ramos, Josane Moreira de Oliveira (orgs). Feira de Santana – BA: UEFS Editora, 2014.

GIL. Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de Jovens e Adultos.** IBOPE. **Inaf Brasil 2011**. São Paulo, 2011. Disponível em:< http//www. scielo.br>. Acesso em: 16 nov 2013.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**, **os níveis de fala: um estudo do diálogo sociolinguístico na literatura brasileira**. São Paulo: Edusp, 2003.

RAMOS, Jânia Martins. **A Construção e um Dialeto: uma proposta de estudo sociolinguístico de Belo Horizonte**. Norma Lúcia Fernandes de Almeida, Silvana Silva de Farias Araujo, Eliana Pitombo Teixeira, Zenaide de Oliveira Novaes Carneiro (Orgs). Feira de Santana – BA: UEFS Editora, 2016.

SALDANHA, Luiz Cláudio Dailler. **Sociolinguística**. São Paulo: COC, 2015.